

A margem nas décadas do incunábulo: uma análise dos livros impressos por Johannes Gutenberg e Aldo Manuzio.¹

Bruno Duarte Moita²

Wagner José Moreira³

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG

Resumo

Este trabalho compara as propostas gráficas dos incunábulos de Johannes Gutenberg e Aldo Manuzio nos séculos XV–XVI. A metodologia une o comparativismo soviético à mediologia de Régis Debray. Compara-se a margem iluminada, projetada para leitores ainda acostumados à opulência do manuscrito, com a margem anotada, concebida para atender ao leitor humanista renascentista. Mostra-se que ambas têm composições semelhantes, mas diferem no conteúdo paratextual que as ocupa (iluminuras versus marginalia). Esses exemplos evidenciam que a escolha da margem refletia intenções projetuais e demandas do público, mostrando a margem como um aspecto editorial que media tradição e inovação em contexto histórico. Assim, conclui-se que a margem transcende mera função estética ou ergonômica, atuando como signo expressivo na materialidade do livro, articulando tecnologia, cultura e expectativa do leitor.

Palavras-chave: margem, projeto gráfico; incunábulos; história do livro; produção editorial.

Introdução

O projeto da margem de um livro pode expressar finalidades gráficas e funções culturais específicas. Para demonstrar essa possibilidade, comparo duas classes de margem – iluminada e anotada – presentes, respectivamente, na produção de Gutenberg e Manuzio. A margem já funcionava como suporte para iluminuras e anotações desde os manuscritos medievais; aqui, investigo como essa prática se reconfigura no berço da tipografia, os incunábulos, assumindo diferentes propósitos culturais e comerciais.

Metodologia

A investigação adota a abordagem comparativa da tradição soviética, conforme discutido por Carvalhal (2006), que privilegia a análise do contexto sócio-histórico e cultural dos objetos, e a mediologia de Debray (1999), voltada a compreender as relações entre formas materiais e circulação de ideias. Foram realizadas análises intrassistêmicas (relação

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, sob orientação do Prof. Dr. Wagner José Moreira. E-mail: brumoit@gmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. E-mail: wagnermor@cefetmg.br.

margem–texto em um mesmo exemplar) e intersistêmicas (relação entre o projeto gráfico e movimentos culturais, como o Humanismo), com base em *scans* digitais de alta resolução e em descrições e imagens de edições físicas. A partir disso, interpreto as diferenças formais entre os livros desses projetistas⁴ como produto de condições tecnológicas, econômicas e ideológicas específicas de suas épocas.

Fundamentação Teórica

Partindo da teoria do paratexto de Genette (2009), defino a margem como um espaço paratextual que pode acomodar outros paratextos. Um desses elementos é a iluminura, que dá origem à margem iluminada e se vincula à tradição medieval de ilustrar livros (Meggs; Purvis, 2009). Outro é a marginalia, que configura a margem anotada e se relaciona com a prática humanista de glosas e comentários críticos adotados por estudiosos – uma tradição que remonta aos manuscritos medievais (Chartier, 1999, p. 88). Essas duas classes de margem têm relação com suas funções expressivas e com os leitores visados: religiosos e nobres, no caso da iluminada; eruditos e estudantes, no caso da anotada.

Análise

No contexto dos primeiros incunábulos, Gutenberg introduziu a imprensa atendendo à crescente demanda por livros, que se intensificava desde o século XIII, com a promessa de maior rapidez, padronização e redução de custos (Barbier, 2018). A célebre Bíblia de 42 Linhas (~1455) foi impressa em formato in-folio, com tipografia gótica e margens amplas. Ao mesmo tempo, tratava-se de uma adaptação às expectativas do leitor de manuscritos – Gutenberg projetou margens que poderiam ser iluminadas por artistas, simulando a aparência de códices manuscritos e facilitando sua aceitação comercial – e de uma solução imposta por limitações técnicas: a escassez de tipos móveis tornava necessária uma mancha gráfica reduzida, o que resulta em margens largas nos grandes formatos (Sordet, 2023).

Em Veneza, na transição para o século XVI, Manuzio iniciou sua atividade editorial em um mercado mais consolidado e desejava difundir ideais humanistas – as universidades aumentavam a demanda por textos críticos, e o livro era cada vez mais

⁴ Tomo o termo *projetista* emprestado do pesquisador Enric Satué que, ao discorrer sobre os primeiros impressores, afirma que “ser impressor naquele tempo, equivalia, de certo modo, a ser um projetista” (Satué, 2004, p. 85).

utilizado no ensino e na pesquisa (Barbier, 2018). Manuzio projetou suas edições para estudiosos, com tipografia romana e margens amplas, pensadas para receber anotações. Uma edição do Plutarchi Opuscula (1509) apresenta anotações manuscritas nas margens, com passagens sublinhadas e glosas que dialogam com o texto principal, evidenciando que as margens funcionavam como suporte à leitura ativa. No Aristophanes Comoediae (1498), o texto grego em corpo maior é emoldurado por comentários críticos. Tais exemplos ilustram a margem anotada, que transforma o livro em um objeto de estudo, dotado de espaços auxiliares à interpretação (Satué, 2004; Sordet, 2023).

Considerações finais

A comparação evidencia que as composições de página adotadas por Gutenberg e Manuzio serviam a fins gráficos e culturais distintos. Gutenberg buscava legitimar o novo impresso perante leitores habituados ao códice manuscrito, conectando o livro recém-nascido às convenções visuais medievais. Já Manuzio utilizou a tipografia para atender à mentalidade humanista e produziu edições cuja forma favorecia o estudo crítico. Esses casos reforçam a hipótese de que a margem é um elemento paratextual ativo: suas variações funcionais refletem decisões projetuais condicionadas por contextos culturais, tecnológicos e econômicos.

Referências

- BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental** (séculos XIII–XVI). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999
- DEBRAY, Régis. What is Mediology? In: **Le Monde Diplomatique**. August 1999, p. 32.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MEGGS, Philip B.; PURVIS, Alston W. **História do Design Gráfico**. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio: editor, tipógrafo, livreiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SORDET, Yann. **História do livro e da edição: produção & circulação, formas & mutações**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Edições SESC São Paulo, 2023.